

humanitas



Vol. XLVII - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO II
MCMXCV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



AIDA FERNANDA DIAS
Universidade de Coimbra

UM PRESENTE RÉGIO

De entre as embaixadas portuguesas que no século XVI Portugal enviou ao estrangeiro, assume especial relevância, pelo esplendor e grandiosidade de que se revestiu, pela magnificência dos presentes oferecidos, pelos soberbos animais que a integravam (um cavalo persa, uma onça e um insólito elefante que dava pelo nome de Anone), a que D. Manuel enviou ao papa Leão X. Saída de Lisboa no final do ano de 1513, fez a sua entrada solene na Cidade Eterna a 12 de Março do ano imediato, causando em todos os homens do tempo, desde o Soberano Pontífice até ao povo miúdo, a maior admiração e espanto. Papa e seus familiares, cardeais, clero secular e regular, embaixadores de grandes estados europeus, gente humilde e desconhecida, contemplaram, curiosos e fascinados, a riqueza dos tecidos preciosos e das jóias, fossem eles parte integrante do régio presente, ou testemunhassem a riqueza, o bom gosto e o requinte dos membros da embaixada: jaezes belamente lavrados, panos ricos e exóticos, cobriam os animais e, entre estes, é Anone que mais atrai as atenções pela presença inusitada de um elefante na Europa de então e pelas «habilidades» em que fora instruído e que, para alegria de todos, evidenciava largamente. Embaixada e elefante foram recordados pelas letras, e artistas plásticos encontraram em Anone motivo de inspiração, pelo que o vemos memorado na pintura e na estatuária.

Não é, todavia, desta sumptuosa embaixada, a mais magnificente que qualquer potentado recebeu, que hoje nos pretendemos ocupar, mas sim de outra que, sensivelmente pela mesma altura, o Venturoso pretendia enviar a regiões mais longínquas. Na sua mente, estava agora o Preste, aquele João Precioso (na língua abexim, João Belul), imperador

da Etiópia, em busca do qual Afonso de Paiva e Pêro da Covilhã haviam deixado o Reino, em 1487, por vontade de D. João II. A chegada a Lisboa de Mateus, embaixador do Imperador da Etiópia, Rei do Abexim, que a Portugal arribara na nau de Bernaldim Freire, que zarpara de Cochim em 1513, está na origem desta missão. Foi Afonso de Albuquerque que libertou Mateus (e a seu pedido) da situação de prisioneiro que o retinha encarcerado em Dabul. A 25 de Fevereiro de 1514, a nau de Freire atracou em Lisboa e, volvidos poucos dias, D. Manuel recebia o embaixador com toda a solenidade nos paços de Santos-o-Velho. O monarca português foi presenteado com cinco medalhas de ouro, de oito cruzados de peso cada uma, «cunhadas com letras que dezião ser da lingoa abexi», mas o presente mais valioso para o soberano e que mais o comoveu foi, sem dúvida, uma cruz redonda feita do Santo Lenho, guardada numa caixa de ouro, como refere Damião de Góis¹, presentes que eram acompanhados de cartas da rainha Helena, que governava a Etiópia na menoridade de seu neto David. Ao receber Mateus e as notícias de que era portador, D. Manuel experimentou, de certo, alegria idêntica à de Afonso de Albuquerque, quando em Goa conduziu a embaixada com o Sagrado Lenho, que havia de ser oferecido ao Venturoso, em procissão solene até à igreja. O júbilo do monarca pela certeza de um reino cristão naquelas paragens tão distantes foi tão incontido que, em carta de 15 de Março dirigida a Silvestre Nunes, nosso feitor na Flandres, lhe dá parte de tal sucesso e o manda a Antuérpia, onde se fazia o capítulo geral dos Franciscanos, para que aí comunicasse aos religiosos a chegada a Portugal de um embaixador do Preste, em cujo reino se praticava a doutrina cristã.

Deste júbilo vivido pelo monarca à ideia de uma magnífica embaixada a enviar à Abissínia vai uma curta distância. De 6 de Julho de 1514, data, de facto, o primeiro rol das coisas que o monarca ordenava a Rui Leite, recebedor do seu tesouro, que ajuntasse para serem enviadas como presente ao Preste. Simultaneamente, a generosidade régia, testemunho da alegria experimentada, cumulava de dádivas, no campo do vestuário, não só o embaixador Mateus, mas ainda abexins ao seu serviço. Assim, a 19-6-1514, manda El-Rei que se dê logo a Mateus uma loba de chamalote, um saio largo de damasco de cor preta e um outro de chamalote, tudo apestonado de veludo preto; que Jácomo (deve ser o seu sobrinho, que o

¹ *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel*, 4 partes, Coimbra, *Acta Universitatis Conimbrigensis*, 1949-1955; III, c.59.

acompanhou na embaixada) seja contemplado com uma loba e um pelote também de chamalote (22-6-1514); que os frades abexins, Marcos e Mateus, recebam cada um deles uma loba e um pelote, calças de pano, gibão de chamalote, um barrete preto, duas camisas de linho, uns borzeguins e uns sapatos, enquanto os abexins João, Paulo, Manuel, António e Pedro terão um capuz, um pelote, calças, gibão de chamalote, borzeguins e sapatos (4-7-1514). O embaixador volta a ser contemplado, a 3-10-1514, recebendo desta vez um mongi de chamalote forrado de guardalate vermelho, um gibão de cetim, um tabardo e calças de pano da cor que ele mais gostar. E, por este mesmo alvará, membros da embaixada e alguns seus servidores, expressamente assim declarados, não são também esquecidos: a seu sobrinho Jácome serão dados um pelote, uma loba, calças de pano e gibão de cetim; o pajem Francisco e o criado João são contemplados com pelotes, calças de pano e gibões de chamalote; duas escravas receberão saias, saínhos e cintas de pano da Rochela, enquanto três escravos terão um pelote e calças do mesmo pano².

D. Manuel mais não fazia do que continuar a prática seguida por D. João II no seu relacionamento com governantes africanos. Mas o Venturoso, detentor agora de um império mais vasto, com uma política cultural e religiosa de maiores proporções, contempla largamente reis, xeques, alcaides, capelães, embaixadores, estudantes, servidores de emissários, com vestes completas (ou só com algumas peças), com tecidos mais ou menos preciosos: só o Rei do Manicongo recebeu uma vez dez peças de tecidos, entre sedas, bretanhas, holandas; enquanto o Rei de Ormuz é presenteado com veludos preto e carmesim, cetim desta mesma cor e escarlata, o embaixador do Rei de Calecute vê-se coberto de veludo, de tafetá, de escarlata, de brocado, de panos de grã, de Ruão, de Holanda, tudo em peças confeccionadas em Portugal.

Mas o presente destinado ao Preste e que havia de seguir na embaixada, que o monarca português lhe enviava, mereceu a D. Manuel atenções especiais. Conhecemos ainda hoje, minuciosamente, o empenho posto na sua organização, graças aos manuscritos originais guardados na Torre do Tombo e que passamos a trascrever³:

² Manuel Joaquim, *Inéditos* (manuscritos).

³ TT, Corpo cronológico, Parte 1.ª, Maço 17, Doc.75. Na nossa leitura, respeitámos o original, havendo, no entanto, adoptado alguns critérios de transcrição: ordenámos os manuscritos por ordem cronológica e não na sequência aparentemente arbitrária por que se encontram na T.T.; pontuámos com parcimónia; usámos maiúsculas de acordo com o uso actual, bem como o hífen (faloes > fá-lo-ês); j com valor de i > i (enujar

1. Rui Leite, nós hordenamos de enuiar algũas cousas a Preste Joham com que soubemos que folgaria, as quaes sam as seguintes:

Item, hũus paramentos de Ras, meãaos, de figuras, que hã de teer tres pannos e sete alparavazes, com sua franga de retros de coores;
 item, hũu panno gramde de tresmesa da istoria da Salue Regina;
 item, dous pannos outros de xx atee xxx couodos de Ras, de feguras;
 item, quatro guardaportas de noue couodos cada hũa;
 item, outros dous pannos de quimze até xvj couodos;
 item, quatro almofadas de Ras, a saber: ij d' esperas e ij sã elas;
 item, dous bamcaes d' aruoredo de bamquos, a saber: j d' esperas e o outro sã elas;
 item, hũa colcha gramde d' esperas.

As quaes cousas todas estã no nosso thesouro e sam as que o Barã apartou per amte vós e com esta vos vai mamdado pera vos serẽ emtregues.

Item, hua mesa de gomcos, gramde, de seis peças, marchetada com suas bisagras bem douradas;

item, duas cadeiras d' espaldas, a saber: hũa guorneçada de borcado de pelo e outra de veludo avelutado cremesim, ambas cõ suas frangas de retros e ouro;

item, quatro toalhas de mesa, muito finas, de quatro varas e meia cada hũa;

> enuiar); empregámos o apóstrofo (desperas > d' esperas); consoantes geminadas, em qualquer posição, salvo -rr- e -ss-, foram simplificadas (llãa > lãa, Rochella > Rochela, fromtall > frontal); desdobrámos as abreviaturas, excepto nos casos de vogais nasais (sã, hũa, hirã, mãdar, etc.); distinguimos palavras homógrafas (dizes /dizês; mãdares / mãdarês).

Os documentos, que transcrevemos sob os n.ºs 1 e 2, oferecem cada *item* antecedido por estes sinais: † (por vezes a cruz está ausente). A tinta é igual à dos textos, pelo que se não pode pensar em registo posterior. Ignorando qual a interpretação a dar-lhes, optámos pela sua supressão.

Encontramos estes manuscritos publicados pela primeira vez por João Augusto da Graça Barreto, sob o título *Presentes de D. Manuel ao Preste João e seu embaixador*, in *Boletim de Bibliographia Portugueza e Revista dos Archivos Nacionaes*, II e III, 1881-1882, Coimbra, Imprensa Académica, pp. 17-23 e 49-59. Nos originais da T.T., o mesmo estudioso anotou: «Impr. por mim nos N.ºs 2 e 3 do *Boletim de Bibliogr. Portugueza*, e mais correctamente nos *Doc. Habessinica*, III, 37, 50, 51, 52 a 53». Em 1883, a Academia Real das Ciências publica-os in *Cartas de Afonso de Albuquerque, seguidas de documentos que as elucidam* (Lisboa, III, pp. 139-158).

Expressamos, aqui, o nosso sincero reconhecimento à nossa Amiga e Colega, Prof.^a Doutora Rosa Marreiros, cuja disponibilidade e conhecimentos científicos nos permitiram clarificar a leitura de alguns pontos destes documentos.

item, de gardanapos d' olamda fina doze, que levẽ per todos biiij varas;

item, seis toalhas de mãaos d' olamda fina, de vara e meia cada hũa;

item, dous fruteiros d' olamda muito fina, de duas varas cada hũu com suas remdilhas d' ouro;

item, seis colchões d' olamda de gramdura, que respomdã com os paramẽtos;

item, quatro lemçoes d' olamda fina;

item, quatro trauesseirinhos pequenos que siruã per hũu grande, lavrados d' ouro e seda;

item, quatro almofadinhas pera sobreles, lauradas da mesma sorte, e as duas cheias de frouxel e as outras de lãa muyto fina;

item, hũu dorsel de borcado, de tres pannos, a saber: j roxo de pelo, e outro carmesym de pelo, e outro raso e este hirã no meio e sejã nele as nossas armas e deuisa borladas, e será com seu çeo de sete couodos d' alto;

item, hũas cubertas d' açeiro;

item, hũu arnês comprido;

item, huas coiraças de borcado raso com algũa bordadura sobreposta de cetim carmesym e hua cruz de Christos diamte com suas fiuelas de prata aniladas;

item, hũu capacete garnecido com seu escudete d' ouro, com pouquo esmalte e algũs cravos, stofado de seda;

item, hũa babeira da mesma sorte;

item, hũa espada d' armas, dourada e anilada a maçãa, cabos e comteira;

item, outra de cimgir, dourada e anilada com bainha de veludo e çimtas de teçido;

item, quatro tauoas de imagẽes de Nosso Senhor e Nossa Senhora, a saber: ij meãs e ij mais pequenas;

item, hũa mea duzia de lamças de boas astes compridas com seus ferros e comtos dourados;

item, çem espadas emvernizadas chãas;

item, çem corsoletes com suas çiladas;

item, çem piques escolheitos com seus ferros bem limpos e açequalados e os ferros hirã embotados;

item, mil cartinhas cubertas de purgaminho;

item, doze cathaçismos;

item, vinte Flos Samtorum;

item, trimta liuros da vida dos martires e todos serã de lem[goa]gẽ portugues;

item, hũu cubertor de damasquo que nã seja cremesim, com sua cartapisa de veludo da coor que parecer bem e pelas custuras algũa cousa amtretalhada e a cartapisa tambem amtretalhada;

item, hũu liuro de rezar, que tem Aluaro da Costa, nosso, o qual vos ãtregará, mamdá-lo-ês cubrir de veludo cremesim e forrar de borcado raso e fazer-lhe brochas d' ouro quaes comprirẽ, com algũu esmalte e lavor pouquo;

item, dous stromẽtos d' orgãaos da gramdura dos da nossa capela com seus foles e todo o al neçessario pera eles;

item, dous tanjedores pera eles;

item, dous sinos de quatro quintaes cada hũu, com todo seu atabio pera logo poderem seruir;

item, hũa peça d' escarlata fina;

item, dous calezes de prata, a saber: hũu de quatro marquos e outro de dous, ambos dourados e cada hũu de sua feiçã;

item, terees cuidado de buscar hũu imprimidor pera hir lá;

item, dous pintores tambẽ pera hir e o soldo que vos estes officiaes pedirẽ e asi qualquer outro partido fá-lo-ês saber ao Barã.

E das cousas que ouer no thesouro farees as que pera isto seruirem.

E pera algũas outras, que estam ã poder d' algũs nossos ofiçiaes, requererẽs mandado ao Barã pera se vos emtregarẽ.

E as outras mandarẽs fazer e comprarẽs e algũas destas cousas, que vos hã-de ser ãtregues, que nã vierẽ limpas e comçertadas como compre, vós as mãdarees alimpar e comcertar de maneira que todo vaa como compre. E todo o que nesto despemderdes farees e despemderẽs peramte o scripvã de vosso ofiçio, que vo-lo lamçará ã despesa e terees todo comçertado e aparelhado pera o ãtregardes às pessoas que vos per nós for mãdado. Feito a bj dias de Julho, Diogo Vaaz o fez, de j̄b^cxiii^o.

Rey  4

O Barã

Ao fundo: As cousas de que Rui Leite ha-de ter cuidado pera se leuaarẽ ao Preste Joham.

⁴ Neste documento, bem como nos n.ºs 2, 4, e 5, El-Rei D. Manuel assina desta forma.

2. Rui Leite, nós El-Rey vos enviamos muito saudar. Aleem das cousas que vos teemos mādado que façaes prestes pera enviarmos ao Preste Joham, vos mamdamos que loguo façaes mais as segimtes:

Item, hũu frontal d' altar de brocado minhoto de quatro panos de comprido e d' alto o acostumado;

item, hũa capa e cortyna pera altar do dito brocado;

item, duas almategas do dito brocado, o qual brocado he daquele que ouemos de Bertolameu e se aimda o nam teuerdes no tesouro sabêe da Casa da Imdia ou da Myna se estaa laa. E vede o que dele se averá mes- teer pera os ditos ornamentos e qual será melhor pera eles e esprevei- no- lo pera vos mādarmos provisam pera vos ser entregue. E o dito frontal terá no meyo hũu dos panos de brocado raso e o manto e almategas e capa terá savastros de brocado raso e a cortyna outro pano no meo do dito brocado raso.

E todos estes ornamētos seram framjados de retros de hũa coor, nom sendo cremysym branco nem preto.

Item, pera estes ornamentos suas aluas de pano de linho com todos seus coregimētos pera poderem seruir e teerēes lenbrança de se benzerē estes ornamētos e o Bispo de Çafy os benzerá;

item, de toalhas d' olamda pera altar, quatro da medida que vos laa bem parecer;

item, dous castiçaēeis de prata, de tres marcos cada hũu, da feiçam que vos bem parecer;

item, hũa canpainha de prata pera a misa, que seja de hũu marco;

item, duas galhetas d' hũu marco e meo anbas;

item, hũu tribolo de tres marcos;

item, hũas obradeiras de ferro pera fazer ostias;

item, tres pedras d' ara;

item, hũa caixa pera corporaēes, forada de veludo cremesim com seus pregos dourados;

item, outro frontal e vistimenta e cortyna de damasco de coor, que nam seja branco nem vermelho, com suas aluas e todo seu coregimento;

item, hũu mysal do costume de rezar dos domynycos e hũu bautisteiro.

E pera a despesa das cousas que no tesouro nam teuerdes, vos mamdamos entregar dozentos cruzados na Casa da Myna, de que com esta vos vay desenbargo e pera os ornamētos de seeda nã tomarēes das que estam pera nossa pesoa.

As quaees cousas todas logo mãday fazer e as teende prestes pera as entregardes com todas as outras a quem vos mamdamos e entam vos será dado mãdado em forma pera vossa conta.

E faça-se tudo com grande diligência. Scripta em Almeirim, a xij dias de Janeiro de 1515.

Rey 

Ao fundo: Pera Ruy Leite sobre estas cousas (?) que ha-de mandar fazer mais pera o Preste [Joh] am.

3. Senhor Ruy Leyte: Vy vossa carta que me escrepuestes sobre as quoartinas de tafeta pera os emparamentos da cama, que á-d' ir pera ho Preste, que dizês que nam vam no mandado. Mãday-as todavia fazer, posto que nele não vam porque, depois de feitas, do que se nelas momtar, vos pasarey desembargo pera que vos sejam leuadas em comta. E quanto à peça de gram, que vos avia de vir de Medina, á El-Rey noso Senhor por bem que ajaes ahy. Escripta d' Almeirim, a xxbij^o dias de Janeiro de 1515. Corrediças sam as que avês de mãdar fazer.

Ho Barã d' Aluyto

4. Ruy Leite, mamdamos-vos que todas as cousas que vos mãdamos que fizesseis pera enuiarmos ao Preste ãtregueis a Lourenço Cosmo, que ãcarregamos disso pera as levar. E per este, com seu conhecimento e asemto de vosso scripvam, mãdamos que vos sejam levadas ã comta. Feito ã Almeirim, aos x dias de Feuereiro de b^cxb.

Rey 

Ao fundo: A Ruy Leyte que todas as cousas que V. A. mãdou fazer pera o Preste as ãtregue a Lourenço de Cosmo, que leva carreguo delas⁵.

5. Rui Leyte, mãdamos-vos que mãdeis fazer dous almofreixes da gramdura que vos parecer, que serã necessarios pera neles hir a roupa da

⁵ Ao cimo deste texto abrangido pelo n.º 4, lê-se: «Ruy Leyte thesoureiro da casa; [1]ynha da comta de Ruy Leyte do anno de b e xb, f. 33». Mais abaixo: «Aqui vão tres linhas. / concertarẽ-se estes mandados com o conhecimento que vay atras; /Ja he roto.»

cama e tapeçaria, que ãviamos ao Preste, quando a levaarẽ per terra. Os quaes entregareis a Lourenço de Cosmo, caualeiro de nosa casa, que leva careguo delas. E per este com seu conhecimento vos seram leuados em comta e pelo asemto de vosso scripvam. Feito em Almeirim, aos xxbj dias de Feureiro de 5^o15.

Rey



Ao fundo: A Ruy Leyte, que mamde fazer dous almofreixes pera a roupa e tapeçaria que V. A. mãda ao Preste, pera neles hir lá ã terra e os emtregue a Lourenço de Cosmo.

6. Senhor Ruy Leyte: Despoys dos aluaraes feytos, ao asynar [...] El-Rey o que hya pera Antonio do Porto e pôs as regras abayxo no do estrybeyro-mor. Bryda, esporas, estrybos, cõpre que mãdês fazer, porque cá nõ nas ha. E o conhecimento venha somente dos guarnymetos que [...] e sela, que tambem he de veludo carmesỹ. D' Almeyrỹ, a xxbiij de Feureiro de b^oxb.

Ho Barã d' Aluyto

7. Senhor Ruy Leyte: Vy vosa carta e ha Sua Alteza por bem que a sela se faça como em ela dizês, com sua citara de veludo cramesym e sua franja tãbẽ cramesym e çilhas e loros e estribos e esporas e bryda dourada e todo o mais que for necesaryo pera ir atabyada. A grãa vos mandarey logo e asy os gornimetos e, porque tẽ os foros de demtro çujos mandai-lhos tirar e poer houtros de çetim hou tafeta. Scripta ã Almeirim, a b de Março de b^oxb.

Ho Barã d' Aluyto

8. Conheço e comfesou Lourenço Cosme, caualeyro da casa d' El-Rey nosso Senhor, que ora Sua Alteza mãda ao Preste Joham, que recebeu de Rui Leyte, reçebedor do thesouro da casa do dito Senhor, todalas cousas abaixo decraradas, as quaes per ele mamda ao dito Preste Johã e sam as seguĩtes:

Item, primeiramente hũus paramẽtos de cama, de Ras, de feguras, a saber: ceo de hũ pano e cabeceira doutro, e outro pera ilhargas cõ seus alparauazes, os quaes panos e alparauazes sã os que Rui Leite tynha rece-

bidos de Lopo Fernandez pera yssso, que tẽ estes synaes e medida, a saber: o ceo tẽ ẽ hũ cabo hu eperador com sua coroa na cabeça e outra na maõ com que estaa coroadmo hũa rainha e no outro cabo da parte direita estam quatro homes tamgẽdo trõbetas e nelas tẽ bãdeiras de damasco vermelho, que tẽ d' alto quatro couodos, duas terças e de largo outro tãto, guorneçido de tiras de lona, coiro e argolas, nouo. E outro pera a cabeceira, que tẽ no meo, ẽ cima, hũ lauatorio que lamça tres canos d' agoa e ao pee dela hũ ẽxadrez em que estam jugamdo dous homẽs e duas molheres, que tẽ d' alto quatro couodos, duas terças e de largo cimquo couodos meo, nouo, guornecido de lona do teor, d' argolas e coiros. E o outro, que tẽ na parte ezquerda hũus orgãos, os quaes estaa tãgẽdo hũa mulher vestida d' azul e detras estaa outra mulher tamgemdo hũa arpa e outra mulher camtãdo per hu cãçioneiro, que tem d'alto quatro couodos meo e de largo cimquo couodos e oitaua, guornecido de lona de tiras e coiro e argolas, nouo, com sete alparauazes, que se fezeram dos seis que tambẽ tinha recebidos de Lopo Fernandez, asy de Raas de figuras, que tẽ estes synaes e medidas, a saber: hũ deles tẽ na parte direita hũu lavatorio e hũa musica de tres molheres e hũu homẽ e tẽ de comprido seys couodos terça e outro tem de comprido seis couodos 1/6 e de largo hũu couodo e tẽ no meo hũ homẽ vestido de uermelho e tẽ nas mãos hũ prastrão cõ sua faldra de malha pegada nele; e o outro tem de comprido seis couodos terças e hũ couodo de largo e tẽ hũ homẽ que vay ẽ cima d' hũa mula cõ falsas redeas azues, nouos. E dous que tẽm de comprido cad' hũ cimquo couodos e hũ couodo de largo e tẽ hũ deles em hũu cabo dous homẽs ẽ calças e ẽ gibam luitamdo e no outro cabo ouelhas; e o outro tem no meo hũu rey com as mãos cruzadas e detras dele hu homẽ vestido de uerde com hũu liuro nas mãos. E o outro tem de comprido cinco couodos terça e de largo hũ couodo, e tẽ hũu lavatorio amarelo e ao pee tem hũa diaboa cõ asas d' amjo, nouos, guornecidos e cosidos os ditos alparavazes no dito ceo, framjados de frocadura larga de retros de cores e o dito ceo guorneçido per cima de lona em tiras com suas argolas e fitas de linhas e seus (sic) dobrados os ditos alparauazes e asy leuã a dita frocadura. E mais recebeo quatro cortinas que am-de seruir com o dito paramento de tafetaa de cores, estreitinho, a saber: duas d' hũa ilhargã, de cimquo panos cad' hũa e as duas d' oyto panos cad' hũa, e sam de comprido de cinco couodos cada pano, guornecidas cõ fitas de cadaço e argolinhasiiij peças.

Item, mais hũu pano d' armar, de Ras, de lam e seda e ouro, de figuras da estoria da Salue Regina, que tẽ Nossa Senhora com o Minino Jhesus nos braços e aos pees d' Ela estaa hũu arçebispo cõ hũa cruz de

duas traueessas, em que á d' alto cinco couodos e oytava e de largo omze couodos meo, guornecido de lona ã tiras e argolas e coirosj peça.

E outro pano d' armar, de Ras, de lâ e seda, de feguras, que tem em cima, no meo, hũa mulher nua cõ hũu farpão na mão e quer-lhe hũu homẽ dar cõ outro e estaa da parte direita dela vestido d' azul, e da parte ezquerda dela estaa estaa (sic) hũu poorco com hũu farpão tãchado ã sy, a qual mulher estaa sobre hũu lauatorio que lança tres canos d' agoa, que tem d' alto cinco couodos e de largo cinco couodos, 1/8, guornecido de tiras de lona, coiros e argolas, nouoj peça.

E outro pano d' armar, de Ras, de lam e seda, de feguras, que tẽ no meo hũu rey velho e duas rainhas e ele estaa no meo vestido de uermelho e azul e elas, a saber, hũa d' azul e a outra de uerde, e hà parte ezquerda deles estam tres homes tamgẽdo tronbetas, nas quaes tẽm bandeiras vermelhas cõ laços azues, que tem d' alto quatro couodos quarta, e de largo quatro couodos, duas terças, guornecido de lona ã tiras, coiros e argolas, nouo.....j peça.

E outro pano d' armar, de Ras, de lam e seda, de feguras, que tẽ na parte direita ã cima tres molheres nuas cõ senhos colares aos pescoços e aos pees delas estaa hũ home dormimdo, vestido d' azul e no fuundo jũto da quartapisa estaa hũa ceruilheira, que tem d' alto quatro couodos e de largo outros quatro couodos, guornecido de lona ã tiras, argolas e coiros, nouo.....j peça.

E outro pano d' armar, de Ras, de feguras, de lâ e seda, que tem ã cima, na parte direita homẽs armados e no outro cabo estam molheres espamtamdo-se e no meo, da parte de baixo, estaa hũa rainha vestida de uerde, que tẽ d' alto quatro couodos meo e de largo cimquo couodos guorneçido de tiras de lona, argolas e coiros, nouo.....j peça.

Item, quatro almofadas, de Ras, de lâ e seda, de feguras, a saber: duas com esperas e duas sã elas, todas de hũa sorte, guorneçidas de coiros roxos, com suas borlas de retros e algũu ouro, que tẽ de comprido hũu couodo meo e outro tamto de largo, as quaes leuam senhos recheos de canhamaço cheos de lam meirinha.....iiij peças.

Item, hũa colcha d' olamda, que tem de largo quatro couodos, cimquo sesmas e seys couodos de comprido, com cimquo esperas.....j peça.

Item, quatro guardaportas, de Ras, de figuras, de lâ e seda, que tem hũa delas em hũu cabo hũa rainha vestida de uerde com quartapisa de cores e dyãte dela estaa hũa moça vestida d' azul com hũ perfumador nas mãos e a rainha tem a mão ã cima dele. E outra que tẽ hũ rei manço com çeitro na mão, vestido d' azul e aos pees dele dous pages comẽdo maças. E as duas tẽm cad' hũa nos meos hũa mesa ã que jogam cartas

e hũa molher vestida de uerde com hũa confeitura nas mãos e outra que estaa metêdo nela hũa colher e tẽ cad' hũa de todas quatro tres couodos meo de comprido e de largo dous couodos meo, guorneçadas de lona ã tiras ã rodaiiiij peças.

Item, hũu bamcal de uerdura, de lãa e seda, gramde, que tẽ de comprido sete couodos, sete oytavas e de largo dous couodos, nouo, guorneçido de lona ã tirasj peça.

E outro bācal de verdura, de lã e seda, que tem cinco esperas e tẽ de comprido oyto couodos, quarta e de largo dous couodos, guorneçido de lona ã tirasj peça.

Item, seys colchões grandes d' olamda cheos de lam meirinha.....bj peças.

Item, hũu traueseiro gramde d' olāda fina, rico, laurado d' ouro de Frorẽça de laour largo per comprido, fũdo e boca, asêtado o dito ouro sobre laour de retros carmesỹj peça.

Item, quatro almofadas de cabeça asy da dita olamda e lauradas do teor do dito traueseiro per os ditos lugares, asy de laour largo d' ouro sobre o dito retros..... iiiij peças.

E leuã seus recheos de fustam, a saber: o traueseiro o seu cheo de lã meirinha e as ditas almofadas de frouxel cõ alamares d' ouro de Frorẽça nas bocas de todos.....b peças.

Item, quatro lemções d' olamda de quatro panos e de quatro varas cada pano.iiiij peças.

Item hũu cubertor de damasco amareelo de seis panos e de seys couodos cada pano, antretalhado todo per quartapisas e no meo hũ laço de veludo [?], borlados e perfilados de retros carmesỹ e azul, barrado per de redor do borlado e forradas as ditas quartapisas do aueso per cima dos pomtos que parecia do dito borlamẽto, de tafeta azul.j peça.

E ãvorilhado ã hũa vara mea de lẽço de Rbiiij^o reaes varaj vara.

Item, hũu dorsel de brocado de tres panos e de sete couodos cada pano de comprido < sã alparauazes >, a saber: hũ no meo de brocado raso branco e < os > dous de brocado rico de pelo carmesỹ cõ seus alparauazes dos ditos brocados forrados de çatim de grãa e framjados de frocadura larga de retros azul vys, forrado de bocresỹ, e leua o dito dorsel no meo hũu escudo das armas reaes ãtretalhado de sedas de cores e brocado e duas esperas do teor nas ilhargas dele, tudo borlado e perfilado de retros azul vys e carmesỹ e acima leua hũa cruz de Christos de çatim carmesỹ perfilada do dito retros < diz sã alparauazes na ãtrelinha >, guornecido cõ argolas de latã.j peça.

E seis couodos de londras de ij^ol reaes couodo e 2/3 de guita, ij^oR reaes, vermelhos ã que vay ãvoltobj 2/3 couodos.

Item, de toalhas d' olamda fina pera mãos seys peças de vara e mea cad' hũabj peças.

Item, de guardanapos grandes da dita oláda doze peçasxij peças.

Item, quatro mesas de toalhas de xbj quartas de quatro varas mea cada mesaiiij peças.

Item, dous fruteiros d'olamda fina de duas varas 1/8 cad' hũa com tramças d' ouro de Frorẽça e retros carmesỹ, ogeteadas, asẽtadas nelas ao redor.....ij peças.

Item, hũa mesa grande, rica, marchetada, que veyo de Castela per Mestre Diogo com sete bisagras grandes abertas, douradas d' ouro moydo e de folha com dous pees de bordos cõ suas correas de vaca, metida ã hũa arca de tauoado ã que vay por melhor guarda, calafetada e breada.....j peça.

Item, duas cadeiras d' estado guorneçidas, a saber: hũa de brocado de pelo roxo, d' asẽto e ãcosto dele, e a outra de ueludo velutado carmesỹ, asẽtados o dito veludo e brocado com os crauos de rosas abertos, que fez Afonso de Seuilha, dourados, fram[ja]ldas de frocadura larga de retros de grada, de cores, a saber: a de brocado, azul e a outra de verde com suas trãças d' ouro de Frorẽça ogeteadas, asẽtadas cõ as ditas framjas, metidas ã fundas de pano da Rochela.ij peças.

Item, hũas coiraças ricas de brocado carmesỹ e branco antretalhadas de veludo cramesỹ, borladas e perfiladas de retros azul vys com seu colarinho e fralda e ezcotaduras, tudo dourado, com sua guorniçã de prata alinada (sic), a saber: dez fiuelas cõ suas charneiras e biqueiras e tres tachões cad' hũa, postos ã tecidos de retros carmesỹ cõ verdugos d' ouro pelo meo.....j peça.

Com hũ sacco de bocasỹ cheo de lâ meirinha e hũa funda de pano de Ruão bicotes (?). E ãvorilhados ã hũ pano de linho de vara mea, cõ algodã e ã hũ couodo de lãdres branco d' avaliaçam de iiij^oR reaes couodo.j vara mea.

j couodo.

Item, hũu capacete com hũ escudete d' ouro pera panacho com crauos d' ouro ao redor de rosas esmaltadas e asy o dito escudete, esmaltado, guorneçido de ueludo carmesỹ pela borda e cõ estofo de catĩ carmesỹ e seu cordã de retros e ouro cõ borla e botã e fiuelas ã que amda, douradas e tecido.....j peça.

E hũ barboto do teor, forrado de dẽtro cõ seu debrũu pera forra <do dito veludo carmesỹ > e amãtilhos de malha guorneçidos de fiuelas anila-

das (?) < de > prata e teçidos, metidos ele e o capacete ã senhas fundas de lãdres branco, cubertas de coiro uermelho.j peça.

Item, hũua espada d' armas, que lh' ãtregou Antonio do Porto, dourada de nouo cabos e ferro e cõteira com sua bainha de veludo carmesỹ, cõ suas cintas de teçidos carmesỹs.j peça.

Item, outra espada de cortar com cabos e maçã dourada e bainhas de veludo pardo e ãxarrafos d' ouro de Frorẽça e retros pardo e seu punho de veludo cõ cintas de teçido e guorniçã de prata anilada.j peça.

Item, quatro tauoas grandes de Nosa Senhora, pintadas e douradas, ã partes, ricas, metidas ã hũua arca grande ã que vam por sua guarda, calafetada e breadaiiij peças.

Item, dous orgãos com seus foles e todos seus comprimẽtos. motidas as caxas deles ã duas arcas grandes e os canos ã quatro caxoes ãvolto ã lãa por melhor guarda, breados e calafetados. ij peças.

Item, cem piques d' armas cõ seus ferros estanhados.c peças.

Item, mea duzia de lamças cõ seus ferros e cõtos dourados e as astes sam de costa e os ferros cõ suas fundas de coiro vermelho forradas de dẽtrobj peças.

Item, cem espadas nouas ãvernizadas cõ suas ãxarrafas de barbilhoc peças.

Item, cem cosoletes cõ suas ciladasc peças.

Metidos ã seis pipasbj peças.

Item, dous synos grandes que pesãa, a saber: hũ deles quatro quintaes meo e duas liuras e o outro cinco quintaes e tres liuras, os quaes vã postos ã suas porcas, com guorniçõis de cintas grãdes de ferro e barroes e seus badalosij peças.

Item, çem liuros da Vida e paixã dos marteres ãcadernados de tauoas, meos cubertos de coiro.c peças.

Item, çem liuros de oras de Nossa Senhora, grandes, ã lingoagẽ, ãcadernados de tauoas e cubertos de coiro.c peças.

Item, cẽ liuros da Destruaçã de Jerusalem ãcadernados de purgaminho.c peças.

Item, trinta liuros cataçismos, ãcadernados de tauoas, meos cubertos de coiro.xxx peças.

Item, mil cartinhas ãcadernadas ã purgaminhoj peças.

Item, cẽ cõfisyonairos de Resẽde, ãcadernados de purgaminho ..c peças.

Item, dous almofreixes grandes de Rochela guarnecidos de coiro de vaca, forrados de lona cõ suas çintas do dyto coiro, nouosij peças.

Item, de canhamaçõ quarẽta sete varas 1/6 d' avaliaçãõ de trinta cinco reaes vara, ã que vam as roupas ãvorilhadas dẽtro nos tonees...Rbij varas 1/6.

Item hũu arnes comprido, dourado ã partes, guorneçido de correas e fiuelas, tudo de nouo, e tem todo seu comprimẽto cõ seu elmete e toda armadura de pernas e braços sã lhe faleceer peça algũa e sua reste tambẽ dourada, ãvorilhado todo, peça por peça ã sete couodos de pano da Rochela, d' avaliaçã de cẽto cimquo reaes couodo.....j peça.

Item, hũuas cubertas d' aceiro de caualo, de todo compridas, guorneçidas todas de nouo de tecidos e correas, forradas de veludo carmesỹ e fiuelas e charneiras, tachoos (?), tudo dourado e crauadas cõ bocetes e rosetas douradas e de dẽtro forradas de coiros de godomecil e na testeira hũ ferro cõprido e outro que he cano pera penacho e porcas de parafuso, todas ãvorilhadas ã doze couodos de pano de Rochela d' avaliaçã de cẽto cimquo reaes couodo.

Item, hũua seela de brida, que serve con(?) ditas cubertas, cõ sua funda de veludo carmesỹ e espẽdas forradas dele, framjada de retros azul vys cõ seus arções d' aceiro, com looros e cilhas cubertas do dito veludo carmesỹ cõ seus ferros dourados e estribos e esporas e brida, tudo dourado, e suas fiuelas e correas cubertas de veludo carmesỹ e parafusos cõ que se crauã os ditos arções, toda guorneçida asy de nouo. ãvorilhada toda ã pano da Rochela, ã quatro couodos de cb reaes couodo.

Item, hũus guornimentos de caualo, de brida que seruẽ cõ a dita sela e cubertas, a saber: cabeçada, peitoral e retranca e redeas, tudo cuberto de veludo carmesỹ framjados d' ouro de Frorẽça e retros carmesỹ cõ toda sua guorniçã de ferros dourados e per cima dos ditos veludos muitas esperas de latã douradas asẽtadas, forradas de nouo de damasco de grã, ãvorilhados todos ã tres couodos de pano da Rochela de cb reaes couodo.

Item, hũua peça d' ezcarlata [...] ⁶ vermelha ã que ouue vymte cimquo couodos terça d' avaliaçam [...] reaes couodo. Foy do Barão.xxb couodos 1/3.

E vay ãvorilhado ã tres couodos terça de bocasỹ de quarenta reaes couodo.iij couodos 1/3.

E metida ã hũ sacco de lona de duas varas mea de xxxb reaes vara.ij varas mea.

Item, hũu calez de prata todo dourado com sua patena e cãpainhas, com esmaltes no cano e na maçãa, laurado de romano, que pesa quatro marcos, hũa onça 1/8.j peça.

⁶ No original parece ler-se: *trinte dona* leççça, leitura que não compreendemos.

Item, outro calez de prata com sua patena, dourado ã partes e lavrado de romano, que pesa asy dous marcos, seis onças, quatro oytavaus mea. Vam embrulhados em tres varas de pano.j peça; iij varas.

Item, dous castiças de prata pera altar, de pomtes e obra romana de cizel ã partes, que pesã ambos seys marcos, tres onças e tres oytavas.....ij peças.

Item, hũa cãpainha de prata lavrada, de çizel, ã partes, que pesa hũa marco, hũa oytava, cõ hũa borla de retros.....j peça.

Item, hũa tribolo de prata laurado de romano cõ suas cadeas e manipolo, que pesa tres marcos, sete oitavas mea.j peça.

Item, duas galhetas de prata lauradas de romano, que pesam anbas hũa marco, quatro onças e mea oytava.ij peças.

Ëvorilhadas todas estas peças de prata ã tres varas de bretanha de Rbiiij reaes.ij varas.

Item, hũa vestimenta e duas almategas de brocado minho (sic) roxo cõ sauastro de damasco roxo apedrado de troças, forradas de bocasỹ e franjadas de retros verde, cõ todos seus meudos e cõprimẽtos e aluas de lemço cõ seus regaços e bocaes novos. < As almategas cõ cordõis >.iij peças.

Item, hũa capa de brocado minhoto carmesỹ cõ sauastro de damasco roxo, de troças e capelo dele, franjada de retros azul e forrada de bocasỹ. Digo que as almategas acima escritas leuã cordões cõ borlas do dito retros verde.j peça.

Item, hũa frõtal de quatro panos, a saber: tres de brocado minho (sic) carmesỹ e hũ de damasco roxo apedrado, de hũ couodo 3/4 cada pano, forrado de bocasỹ e seu pano dele pera se ter no altar, com frocadura larga de retros azulj peça.

Item, hũa cortyna de brocado minhoto carmesỹ pera altar de [...] panos e de [...] couodos cada pano sem os alparauazes, a saber: [...] do dito brocado e hũ no meo de çatim pasado d' ouro e seus alparauazes do teor, forrada de bocasỹ e frãjada de frocadura larga de retros azul, guorneçida com suas argolas e fitas de linhas.....j peça.

Item, outra cortina d' altar de damasco alionado e azul, de [...] panos de [...] couodos cada pano de comprido, a saber: [...] do dito damasco alionado e hũ no meo d' azul e seus alparauazes franjados de retros laramjado, de frocadura larga e forrada de bocasỹ e guornecida de suas argolas de latã e fitas de linhas.j peça.

Item, hũa vestimenta e hũa frõtal de damasco alionado cõ savastro de damasco azul e o frõtal cõ hũ pano dele no meo e he de cinco panos forrados de bocasỹ e franjados de retros larãjado e a vestimenta cõ todos seus comprimẽtos e alua de lẽço.....ij peças.

Item, hũa caxa hũa caxa (sic) d' ouro pera ter corporaes, cuberta de forra de veludo carmesy e de dẽtro forrada de damasco cõ crauaça dourada.....j peça.

E quatro corporaes cõ suas paulas d' olamda.....iiij peças.

Item, quatro toalhas d' olamda per altar, de tres varas cad' hũa.iiij peças

Item, hũuas obradeiras de ferro pera fazer ostias.....j peça.

Item, duas pedras d' ara.....ij peças.

Item, hũu misal do costume dos dominicos.....j peça

Item, hũ bautisteiro.....j peça

Item, hũu liuro grande das oras de rezar, de letra de mão, de purgaminho eluminado, cõ hũa fumda de veludo preto forrada de brocado raso e dous barões d' ouro ã que se põe as brochas; e as ditas brochas sã de prata anilada e sobre a dita fumda, por ser çafada, lhe pôs outra de veludo carmesy cõ ca...s(?)j peça.

Item, biiij tachas pera se lá cravarẽ os cẽ piques que ficã atras.....biiij^o peças.

Item, hũa arca muito grãde, mayor que d' hũa ã carga, de coiro cortido preto cõ sua ferragẽ estanhada.....j peça.

Item, sete tonees machos, novos, nos quaes tonees e arca va metidas todalas coussas acima contidas por melhor guorda. E porque he uerdade que o dito Lourenço Cosme recebeo do dito Rui Leyte, per mãdado d' El-Rey nosso Senhor, todalas cousas neste conhecimento decraradas pera as leuar ao Preste Johã, lhe deu delas este conhecimento. Feyto per mĩ, Jorge Correa, escriuão do thesouro, ã Lixboa a xxij dias de Março de j̃b^oxb annos.

Lourenço de Cosmo

Jorge Correa

E mais recebeo o dito Lourenço Cosme de Rui Leite sesẽta varas 5/6 de cordã grosso de barbilho branco e vermelho, que pesam setemta sete onças.....bxxbij onças.

Jorge Correa

Lourenço de Cosmo

E recebeo mais o dito Lourenço Cosmo de Ruy Leite hũa quaixa forrada de panno azul, em que vam as cousas da cama metydas, a saber: trausyeyros d' ouro e assy outras cousas.....j peça.

E assy recebeo mais seis porcas de ferro per as cubertas d' aceiro. E por verdade assynou aqui. A xxix de Março de b^oxb annos.....j peça.

Lourenço de Cosmo

Francisco Gonçalvez

E mais rezebeo ho dito Lourenço de Cosmo de Ruy Leite hũ lyuro de rezar das oras de Nossa Senhora, que ha Rainha nossa Senhora lhe mandou êtregar per Aldonça Çoarez, sua camareira, o qual lyuro he de purgaminho, de letra de mão, ãlumynado todo de images e cuberto o dito lyuro de borcado de pelo pardo, ryco, forado de çety carmesy, cõ hũ regysto d' ouro fyado e aquayrelado cõ hũa trãça d' ouro e com quatro êxarrafos de prata e ouro e duas brochas de prata de fylagrana douradas, ã que estam senhos escudos, ã que estam ã cad' hũ deles dous lobos por armas, o qual lyuro, que ele Lourenço de Cosmo assy recebeo, a Raynha manda à molher do Preste.j peça.

E assy rezebeo mais o dito Lourenço Cosmo de Ruy Leite hũ Menino Jhesu cõ hũa coroa d' ouro na cabeça, a qual coroa d' ouro he de folha de Frandes dourada, cõ hũ diadema da mesma maneira e com hũa camesinha d' olao, cõ chapary polo cabeçã e bocaes das mangas, dourada, e assy leua hũa maçãa dourada na mão, o qual Menyno he pera o Preste. E porque hassy rezebe as ditas cousas, fiz este conhecimento assynado por my e por ele. E Lisboa no (?) primeyro d' Abryl de b^xb annos.....j peça.

L. de Cosmo

Francisco Gonçalvez

Por estes documentos, conhecemos os mandados que D. Manuel mandou elaborar e que enviou a Rui Leite, discriminando as diversas peças que constituíam o régio presente (o segundo rol apenas se ocupa de alfaias litúrgicas e nele se recomenda que a sua bênção seja feita pelo Bispo de Safim); as notas suplementares que os completavam; o «conhecimento» escrito da entrega de todo o conjunto (ou apenas de uma peça) a Lourenço de Cosmo, cavaleiro da casa de El-Rei, que o rezebeu de Rui Leite e que o haveria de levar à Abissínia. Sabemos do envolvimento de certas pessoas na organização do mesmo, como o Barão de Alvito, D. Diogo Lobo; conhecemos, pelo menos, o nome de um artífice, Afonso de Sevilha⁷, que fez duas cadeiras de estado, o dos escrivães Diogo Vaz, Jorge Correia e Francisco Gonçalves, e o de Aldora Soares, camareira da Rainha, que entregou a Lourenço de Cosmo um livro de horas de Nossa Senhora; uma rica mesa marchetada chega a Portugal, trazida de Castela por um Mestre Diogo. Será ele o famoso architecto Diogo de Castilho, que trabalhava entre nós, ao lado de seu

⁷ António do Porto e Lopo Fernandes entregaram a Rui Leite uma espada e uns «parametos de cama», de Ras, de figuras, mas ignoramos se eram propriedade sua ou se, de qualquer forma, estiveram ligados à sua feitura (no caso da espada) ou aquisição.

irmão João, e que desde os primeiros anos do século XVI se encontravam em Portugal? Tomamos conhecimento da proveniência de certas peças: um livro de rezar, que era de El-Rei; um livro de horas de Nossa Senhora, iluminado, de pergaminho, oferta da rainha D. Maria; uma peça de escarlata, que era pertença do Barão de Alvito; outras coisas estavam na posse de alguns oficiais do monarca; uma peça de grã fora encomendada em Medina; outras eram provenientes do tesouro de El-Rei ou das Casas da Índia e da Mina; outras ainda seriam compradas ou mandar-se-iam fazer e algumas delas seriam, sem dúvida, provenientes da Flandres, dado que sabemos como D. Manuel fazia largas encomendas à nossa feitoria, sendo diversas peças destinadas a presentes oferecidos aos senhores das novas regiões com que mantínhamos contactos. Em época mais recuada (1495-1499) são pedidos ao nosso feitor 12 sinos, 50 cruces de latão, 200 pratos de esmolas, 50 campainhas de comungar, 200 lâmpadas, 300 frontais de Tournai com lanternas, 200 pares de galhetas, 75 livros manuscritos, 2 conjuntos de mesas e cadeiras, 6 retábulos completos⁸. Aferimos ainda do estado de conservação de diversos componentes da grande oferta: se a quase totalidade são peças novas (para diversos *itens*, houve o cuidado de anotar à frente *novo*), outras estavam sujas ou rotas, pelo que se teve o cuidado de as mandar arranjar e limpar. O próprio livro de rezar do monarca sofreu restauro, pois D. Manuel ordenava a Rui Leite que o mandasse «cubrir de veludo cremesim e forrar de bocado raso e fazer-lhe brochas d' ouro quaes comprirẽ, com algũu esmalte e lavor poquo», enquanto o Barão de Alvito, ocupando-se do jaez de uma montada, fala dos «guornimẽtos» que «porque tẽ os foros de demtro çujos» os devem substituir por outros de cetim ou de tafetá. Estas recomendações, assim particularizadas, confirmam o pensamento do monarca, averbado no final do primeiro rol enviado a Rui Leite, em que diz: «e algũas destas cousas, que vos hã-de ser ãtregues, que nã vierẽ limpas e comçertadas como compre, vós as mãdarees alimpar e comçertar de maneira que todo vaa como compre».

O régio presente, que nos é revelado em pormenor pelos manuscritos da Torre do Tombo, é riquíssimo de informações, que nos permitem conhecer o gosto requintado de uma sociedade, aqui representada em larga escala pelo monarca reinante, senhor de uma das mais opulentas cortes de então. O gosto do soberano, particularizando nos tecidos, nas

⁸ *No tempo das feitorias. A arte portuguesa na época dos descobrimentos*, 2 vols., Lisboa, Secretaria de Estado e da Cultura e Instituto Português dos Museus, 1992; I. p. 248.

cores, nas guarnições, no mobiliário, nos objectos de uso doméstico, na armaria, nos paramentos e alfaia do culto, nas pratas, no ouro, nos esmaltes, na pintura, na imagística, no livro impresso e manuscrito, nas encadernações, dá bem a medida do seu espírito familiarizado desde cedo com o Belo, com a cultura, com o requinte, com o conforto, e também preocupado com a salvação das almas. Se quase sempre deixa bem expresso o seu gosto, encomendando, por exemplo, um frontal de quatro panos de comprido, uma capa, uma cortina e duas dalmáticas, acentuando que o frontal «terá no meyo hũu dos panos de brocado raso e o manto e almategas e capa terã savastros de brocado raso e a cortyna outro pano no meo do dito brocado raso. E todos estes ornamẽtos seram framjados de retros de hũa coor, nom sendo cremesym branco nem preto», por outro lado, confia no bom gosto de Rui Leite, ao permitir que determinada sela se faça como o oficial do seu tesouro sugerira.

O «conhecimento» de Lourenço de Cosmo, elaborado ao receber o presente, é extremamente relevante, pois permite-nos pelo seu pormenor uma visualização bem concreta do ambiente em que a sociedade de então se movimentava. Se os objectos de culto, os livros, as armaduras, os arreios, os móveis, as tábuas pintadas, nos falam dessa mesma sociedade, são, todavia, os tecidos e os adornos na sua variedade que dão cor, brilho e opulência a muitas e muitas peças do presente destinado ao Preste. As intensas relações que mantínhamos com diversos estados europeus, a relevante importância da nossa feitoria na Flandres, o nosso domínio na Índia e os contactos com a China, fazem com que Portugal seja inundado pelos mais diversos tipos de tecidos e de adornos. Assim, panos de Granada, da Rochela e de Ruão, holandas, bretanhas, londres, chegam até nós em remessas constantes; da Índia mandam-se vir *arrobas* de seda da melhor qualidade que houver, enquanto da Europa continuam a chegar, na linha do que já acontecia nos fins do século XV, brocados, telas de ouro e sedas, o que tudo permite o tão variegado leque de ricos tecidos com que nos defrontamos neste presente: o damasco e o tafetá, o brocado e o cetim (este por vezes entretecido de ouro), a escarlata, o veludo e o chamalote. Todo um vivo colorido dá luminosidade ao conjunto, onde se espelham como na paleta de um artista as cores mais díspares: preto, branco, azul, amarelo, roxo, pardo, verde, vermelho, azul vis, aleonado, carmesim. Tecidos e cores ressaltam ainda mais pelos enfeites enriquecedores, como sejam, laços de veludo, esferas armilares, a cruz de Cristo, as armas reais, os sabastros pedrados da Índia, mais ou menos sumptuosos, as quartapi-sas, as tranças de ouro de Florença, as borlas e as franjas de retrós, de uma só cor ou policoloridas (os mesmos tons que encontramos nos tecidos).

dos), por vezes combinado com fios de ouro. Ante a abundância de franjas e de borlas nos mais diversos matizes, não admira que a um nosso feitor na Índia se encomendassem, de uma só vez, *oito* arrobas de retrós de várias cores, metade grosso e metade delgado, todo manufacturado na China. Avaliamos da qualidade dos tecidos (brocado, brocado raso ou de pêlo, brocado minhoto; cetim e damasco de grã, damasco apedrado; veludo raso ou «avelutado»); dão-se-nos as medidas de comprimento e de peso da época (côvados, varas, quintais, arrobas, marcos, libras, onças, sesmas) e os preços traduzidos em cruzados e em reaes; sugere-se o estilo de trabalhos de ourivesaria (dois castiçais de prata, «obra romana de cinzel» ou um cálice e uma patena «lavrados de romano»); entramos em contacto com um léxico extremamente variado e rico, dadas as diversas áreas contempladas nos mandados e no «conhecimento», e que pela sua relevância pede a atenção dos estudiosos da língua.

Pela riqueza do pormenor descritivo, os panos de armar são das peças mais curiosas, que faziam parte deste presente manuelino. Ao longo da Idade Média e mesmo depois, as tapeçarias contribuíram para o bem-estar e conforto do homem, protegendo do frio ao revestirem as frias paredes dos castelos, ao estabelecerem divisórias, ao vedarem entradas, ao ornarem câmaras mais ou menos confortáveis, ao acompanharem deslocacões dos grandes senhores até mesmo ao campo de batalha. E, quando estas tapeçarias pertencem ao grupo dos tapetes historiados, o meio ambiente ganha em requinte com estes panejamentos e os seus possuidores podem atestar por eles o seu gosto e a sua propensão artística. Artistas de renome como Rafael e Leonardo da Vinci executam cartões a que oficinas famosas dão vida. O próprio D. Manuel, um governante propenso desde cedo à arte, encomendou a Leonardo da Vinci um cartão sobre Adão e Eva, para execução de uma tapeçaria de que não temos notícia.

Celebram-se através dos panos de armar vitórias militares, como nos recordam, por exemplo, a tapeçaria de Bayeux, que representa a conquista da Inglaterra pelos Normandos, ou entre nós as de Pastrana, que perpetuam a tomada de Arzila e de Tânger, ou as que fixam os triunfos de D. João de Castro, ou as inspiradas no feito do Gama e nas conquistas orientais, num total de vinte e seis, que D. Manuel mandava executar, segundo os vinte e seis motivos consignados para o efeito numa minuta escrita pelo secretário de Estado, António Carneiro⁹; reproduzem-se cenas bíblicas,

⁹ Sousa Viterbo, *A livraria real especialmente no reinado de D. Manuel*, Lisboa, 1901. p. 15.

mitológicas, cavaleirescas ou fantasias; fixam-se motivos do dia-a-dia de uma sociedade, como na famosa tapeçaria *Jardin de plaisance*, cuja vida ao ar livre, aí retratada, está em íntima relação com a corte da Borgonha.

A leitura do «conhecimento» de Lourenço de Cosmo, que vimos seguindo, abre por uns ricos paramentos de cama, de Ras, de figuras, seguidos de cinco panos de armar e ainda de quatro almofadas e quatro guardaportas, tudo no mesmo teor, isto é, de Ras e de figuras¹⁰. A pormenorização de certos *itens* permite-nos visualizar o requinte e a beleza de alguns destes panos, que se nos oferecem ao mesmo tempo como um livro que se abre à nossa curiosidade, desvendando-nos aspectos diversos da sociedade de então. Eles põem-nos a par das cores usadas no vestuário: predomina o vermelho, o azul e o verde como as cores nobres usadas por reis, rainhas e pessoas que os acompanhavam; a um lado, um imperador coroado coroa uma rainha, e, do outro, quatro homens tocam trombetas engalanadas com bandeiras, como que festejando e anunciando a coroação; homens e mulheres jogam o antigo jogo do xadrez e as cartas; damas tocam órgão e harpa, enquanto uma outra canta por um cancioneiro de mão; um rei sentado, em atitude tranquila, tem detrás de si um homem com um livro na mão (quem sabe se escutaria um texto lido em voz alta...); um cavaleiro parece montar garbosamente uma mula de rédeas azuis; dois pajens, comendo maçãs, estão aos pés de um rei empunhando o cetro; uma jovem tem nas mãos uma «confeitura», na qual outra mete uma colher; uma moça vestida de azul segura um perfumador, em que uma rainha coloca a mão. Noutros são representados homens lutando, em calças e gibão, uma mulher nua armada de um farpão, defendendo-se de um homem que a quer atacar, enquanto a um lado se vê um porco com «hũu farpão tãchado ã sy». Nem os rebanhos de ovelhas, que já haviam prendido a atenção dos artistas da iluminura, nos calendários de diversos livros de horas, estão ausentes destes panos que fixam todos eles o concreto, o quotidiano, nos mais díspares aspectos.

Disseminados estes pormenores pelos diversos panos (os «paramentos» de cama são os mais ricos e logo os mais historiados), com eles mergulhamos, em certa medida, no dia a dia de uma sociedade cortês, com as suas vestes de cores peculiares, com os seus hábitos, costumes e passa-

¹⁰ Em determinada altura, a expressão *panos de Ras* deixou de significar exclusivamente as *tapeçarias de Arras* e ganhou um sentido mais abrangente, envolvendo tapeçarias provenientes não apenas desta localidade francesa, mas ainda da Flandres e da Itália. Ignoramos se esta aceção é a que se encontra no texto.

tempos (leituras, jogos, música e canto, caçadas e lutas) e encontramos a pensar se não estaríamos ante tapeçarias do tipo do *Jardin de plaisance* do Duque de Borgonha ...

Todos estes «panos de Ras» são tecidos a lã e a seda. Um deles, todavia, enobrece a sua urdidura com fios de ouro, com o propósito de tornar mais rica uma tapeçaria em que se exalta a Virgem, ao contar a «estória da Salve Regina», pano de que pouco sabemos, a não ser que Maria tem nos braços o Menino Jesus e, a seus pés, um arcebispo. Gaspar Correia, que viu o presente na Índia, escreve que são quatro, e não um, contando a história do nascimento de Nossa Senhora e da Salve Regina¹¹. Igualmente refere um «retavolo de portas, da grandura do altar, do Crucifício e da Saudação de Nossa Senhora» (*ibid.*), que deve corresponder às «quatro tauoas grandes de Nossa Senhora, pintadas e douradas», assinaladas no «conhecimento».

Os presentes, que hão-de partir para a Abissínia, são de espécies bem distintas, uns visando o campo profano, outros o sagrado. Desde móveis, roupas de cama e de casa (em conjuntos completos e em número variado), tecidos, tapeçarias, vestuário o mais diverso, armaria, jaezes, até livros manuscritos e impressos, instrumentos musicais e respectivos tangedores, pinturas, imagens, pintores, um impressor, tudo foi pensado com cuidado e em todos os seus pormenores. O culto divino exigiu as mesmas atenções, pelo que uma capela ou igreja ficariam devidamente providas para as celebrações litúrgicas, desde a simples pedra de ara aos cálices, às patenas, às galhetas, às campainhas ricamente ornadas, aos turíbulo, aos castiçais e às «obradeiras» para fazer hóstias, não sendo esquecidos os paramentos (alvas, dalmáticas, uma capa e capelo), bem como os retábulos, os frontais, as cortinas e as toalhas de altar, os corporais, uma imagem do Menino Jesus, dois órgãos da «grandura dos da nossa capela», e o seu tangedor, os sinos. E como algumas peças iam desmontadas, até as tachas, os parafusos e as porcas foram memorados, para que, ao chegarem à Abissínia, tudo fosse repostado na sua feição original. Houve ainda a preocupação de recomendar e sugerir a boa acomodação, de todo o conjunto para uma viagem tão longa, em grandes arcas, em tonéis, em caixas forradas, em almofreixes, em sacos de lona, com os objectos envolvidos em tecidos de diverso tipo, não se olvidando, para maior segurança, o «cordão grosso de barbilho branco e vermelho».

¹¹ *Lendas da Índia*, 4 vols., Porto, Lello & Irmão, 1975, 11, p. 465.

Os livros ocupam um lugar relevante neste presente, sendo as obras enviadas todas de cariz religioso: umas destinadas ao culto, outras eram textos de edificação religiosa, livros que perfaziam inicialmente um total de 1065 volumes. No primeiro mandado régio (6 de Julho de 1514) enviado a Rui Leite para a reunião das peças que comporiam o presente manuelino, são referenciadas 1000 cartinhas, 12 catecismos, 20 *Flos sanctorum*, 30 livros da *Vida dos mártires*, todos em língua portuguesa, e um livro de rezar, que era do uso do monarca. Um segundo mandado (12 de Janeiro de 1515) junta-lhes um missal do uso dos Dominicanos e um ritual do baptismo. Se compararmos estes mandados com o «conhecimento» de Lourenço de Cosmo (23 de Março de 1515), verificamos que certos títulos se viram aumentados em número e que foram recebidas outras obras, para as quais não conhecemos qualquer mandado. Os catecismos são agora 30, as vidas dos mártires 100, juntando-se ao conjunto anterior, assim aumentado, 100 livros de horas de Nossa Senhora, 100 da *Destruição de Jerusalém*, 100 *Confessionários* de Resende e um livro de horas, de pergaminho, ricamente iluminado e encadernado, que a rainha D. Maria enviava à mulher do Preste, tudo num total de 1434 volumes.

Apesar de Graça Barreto, Sousa Viterbo e António Brásio se haverem já pronunciado sobre alguns destes títulos, numa tentativa de identificarem as edições portuguesas que eles representam¹², as nossas investigações pedem que nos detenhamos também um pouco neste ponto.

Cartinhas: em 1512, Afonso de Albuquerque dá notícia a D. Manuel de haver encontrado em Cochim uma arca de cartinhas pelas quais se ensinavam os meninos a ler. Para Brásio, que investigou o assunto e confrontou exemplares de cartinhas existentes em Évora, concluiu que o reservado eborense n.º 330 (b), sem rosto, representa as cartinhas de Cochim, provavelmente também as que foram para Benim dois anos depois e as 1000 que em 1515 vão para a Abissínia, as quais representam a primeira edição da *Cartinha pera ensinar a leer* de D. Diogo Ortiz de Vilhegas, de que apenas se conheciam exemplares da edição de 1534¹³.

Catecismos: deve tratar-se do *Cathecismo / Pequeno da doutrina e instruicam que os Xpãos ham / de creer e obrar pera conseguir a benaventurança eterna / feito e copilado pollo reuerendissimo señor dom Dioguo / ortiz bispo de çepa. Emprimido com priuilegio del Rey / nosso senhor.*

¹² Barreto, *op. cit.*, pp. 54-55, nn; Viterbo, *A livraria real...; Brásio, Política do espírito no ultramar português*, 1949, Coimbra, *Portugal em África*, n.ºs 31, 32, 34.

¹³ *Op cit.*; 8-14; 35.

Foi impresso em Lisboa *per Valentĩ fer/nãdez alemã ẽ Iohã pedro boõ homini de cremona aos / XX, dias de Iulho. Era de mill ẽ quinhẽtos ẽ q̃tro annos.*

Flos sanctorum: 20 exemplares desta obra são referidos no primeiro rol enviado pelo monarca, mas tal título está ausente do «conhecimento» de Lourenço de Cosmo. Cremos, todavia, que a obra seguiu na embaixada e, da reduzida parte que do presente chegou ao Preste, devem constar um ou mais exemplares, isto por considerarmos que o *Flos sanctorum* manuseado com entusiasmo pelo Imperador e de que o P.^o Francisco Álvares, membro da embaixada, traduziu com grande canseira diversos pontos a pedido do Preste («pusemos dias em os tirar por serem grandes e mui trabalhosa cousa mudar a nossa língua na sua») ¹⁴ é, muito provavelmente, um dos volumes expedido por D. Manuel. Tratar-se-á, então, de *Ho flos sc̃torum em / lingoajẽ p̃tugue'*, impresso em Lisboa *per Herman de campis bombardero delrey. ẽ Roberte rabello. A XV. dias de Março de mil quinhentos ẽ treze* e que, ao longo de vários fólhos, aparece indistintamente designado por *estoria lōbarda ou por flos sanctorum* (e.g., *Aquy se começa a leenda dos sanctos / aqual se chama estoria lōbarda; ho pre/sente liuro chamado flos sanctorum; Aqui se começa a tauoada sobre/ / ho flos sanctorum; Aqui se acaba a leenda dos sanctos (...), a qual se chama ystorea lombarda, pero comuñente se cha-lma flos sanctorum.*

Vida e paixão dos mártires: deve tratar-se da obra portadora do seguinte título: *Este he o liuro ẽ legẽda que fala de todos / feytos ẽ payxoões dos sãtos martires, em / lingoagem portugues, cõ apaixõ de nosso / senhor, assy como ha escreuerõ os sanctos / quatro euãgelistas (...).* Foi impresso *per especial mandado do muy alto, ẽ / muy poderoso sñor Rey dõ Manuel nosso sñor*, em Lisboa, por João Pedro Bonhomini, aos 17 dias de Agosto de 1513, obra que existia na livraria de El-Rei D. Manuel, segundo lemos em Sousa Viterbo.

Livro das horas de Nossa Senhora: podemos, com alguma segurança, identificar esta obra. Foi Viterbo, de acordo com as suas próprias palavras, o primeiro investigador «a desentranhar este achado bibliográfico do Manuel de Brunet (*op. cit.*, p.44), obra onde se lê: *Horas de nossa sñra segundo costume romaão con as horas do spirito sancto. (à la fin): Trestadado (sic) todo d'latin ẽ lingoajẽ purtuges: visto et ẽmẽdado põ reuerẽdo frei Johã, claro poutuges doctor (...)* foy todo ẽ Paris ẽpremjdo por mestre Narciscus Brun, elemão, a xiii dias do mes d'fiureiro Era do sñor d'mil et quinhẽtos annos (1500), in 8. goth. E a seguir Brunet anota:

¹⁴ Verdadeira informação das terras do Preste João das Índias, Lisboa, Agência Geral das Colónias 1943³, p. 221.

«Volume composé de 124 ff, ornés de grandes et petites figures. Chaque page est entourée de bordures, sujets bibliques, danses de morts, etc., gravés sur bois (...)»¹⁵.

Livro da destruição de Jerusalém: por este nome era também conhecida a *Estoria de muy-nobre Vespesiano-emperador de Roma*, impressa em Lisboa por Valentim de Moravia, a 20 de Abril de 1496 (outra obra que D. Manuel possuía e que Viterbo assinala sob o n.º 71, justamente com o título expresso no «conhecimento»: «It. Outro liuro da *Destroyçã de Jerusalem*». Dado que se tratava da mesma obra, fácil é aceitar que a «estoria de Vespesiano» foi o livro enviado ao Preste.

Confessionários de Resende: Breue memorial dos pecados / e cousas que pertencẽ ha cõfissã / hordenado por Garcia de resẽde / fidalguo da casa del Rei nosso Senhor, cuja edição mais antiga que se conhece é de 1521, impressa em Lisboa por Hermão Galharde e representada por um único exemplar; teve outras edições (1529 e 1545), justificadas pelo facto de acompanhar as armadas, que demandavam a África e o remoto Oriente, e que era usado na evangelização dos gentios. Todavia, este pequeno opúsculo (in 8.º, 22 ff.) aparece impresso juntamente com o *Manuale secundũ consuetudinem alme Colymbriẽ. ecclesie* de 1518, o que nos faz recuar a data da edição, não sendo esta, no entanto, a primeira. António Ribeiro dos Santos, na *Memória da tipografia portuguesa no século XVI*, dá-nos a seguinte informação: «Breve memorial dos pecados: de Garcia de Resende, Lisboa em 1512, 1 vol. 8.º raro (Real Biblioteca de Lisboa)», acrescentando que a impressão esteve a cargo de João Pedro Bonhomini, natural de Cremona, com oficina tipográfica montada em Lisboa, talvez já desde o século XV¹⁶. Inocêncio considera esta notícia viciada quanto à data da impressão do *Breve memorial*¹⁷. D. Manuel II, nos *Livros antigos portugueses*, inclina-se a aceitar o ano de 1512, ano justificado, aliás, pelo período em que Rui Leite se empenhou na reunião dos presentes que o Venturoso pretendia enviar ao Preste¹⁸. Costa Pimpão, fazendo o ponto da situação até D. Manuel, mostra-se receptivo a uma edição anterior a 1514¹⁹. Nós, pela nossa parte, não pensamos que

¹⁵ *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, Paris, Didot Frères, Fils et C^{ie}, 1864, 5.º, c. 1667, n.º 350.

¹⁶ Lisboa, Academia Real das Ciências, vol. VIII, Parte I, p. 126.

¹⁷ *Diccionario bibliographico portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, III, p. 121.

¹⁸ Londres, Moggs Bros, 1929, I, p. 323.

¹⁹ *História da Literatura Portuguesa — Idade Média*, Coimbra, Atlântida, 1959², p. 371, n.º 7.

Ribeiro dos Santos elaborasse em erro ou «descuido» como quer Inocêncio, pelo que aceitamos a data proposta, 1512, tendo em conta o que conhecemos do valioso presente manuelino, do qual faziam parte cem confessionários de Resende. Um dado que até hoje ainda não foi devidamente considerado, segundo pensamos, e que poderá ajudar a dilucidar este problema, recolhemo-lo do testamento de Resende em passo que se nos afigura, todavia, não muito claro: «E porque eu tenho muitas grandes faltas e *Confessionarios assignados por mão de Papa*, por elas todas me absolverá a culpa e pena e se guardarão muito bem; que os Confessionários aproveitem a meus filhos e a outras muitas pessoas». (Itálico nosso). Confessionários assinados por mão do Papa só o poderiam ter sido em 1514, ano da embaixada a Leão X, na qual Resende esteve integrado, e que saiu de Lisboa nos finais de 1513. Pelo que é perfeitamente aceitável que o *Breve memorial* houvesse tido a primeira impressão em 1512, como se lê na *Memória da tipografia portuguesa no século XVI*, podendo assim acompanhar Garcia de Resende a Roma e com ele regressar ao Reino, enriquecido com indulgências papais.

Esta remessa de livros destinada a um reino cristão, perdido no meio dos gentios, teve intuitos pedagógicos: eles seriam um meio de acrisolar a fé dos abexins e de corrigir aspectos menos ortodoxos do cristianismo vivido por tais homens. El-Rei D. Manuel, tal como o Príncipe Perfeito e como o seu sucessor, tinha muito a peito a salvação das almas. E, se nesta frustrada embaixada, ele iria deslumbrar o Preste com a variedade e riqueza de presentes, alguns deles nunca vistos ou imaginados, também, como rei fidelíssimo, pretendia pôr-lhe ao alcance o alimento da alma através dos livros impressos e manuscritos e da palavra, que brotava do espírito do P^o Francisco Álvares e de alguns dos seus companheiros. Os livros entusiasmaram o Preste e os seus súbditos (só temos notícia do *Flos sanctorum* lá haver chegado), que seguiam interessados o desenrolar dos actos do culto, num altar ornado com um retábulo de Nossa Senhora da Piedade, cerimónias acompanhadas pelos sons do órgão e pelos cantos. O interesse que os abexins votavam aos livros levou o P^o Francisco Álvares, durante as cerimónias do Natal, a pôr sobre o altar, tal como eles faziam, «quantos livros tinha, posto que bem fora eram da festa» (c.xc). O Preste, que lia o *Flos sanctorum*, pedia constantemente explicações de diversos passos ao sacerdote, que oralmente lhas dava e que anotava o próprio exemplar do Imperador, vendo-se obrigado a efectuar a tradução da obra para a língua nativa, o que pôde fazer, porque a aprendeu com Pêro da Covilhã, que vivia na Etiópia há trinta e cinco anos, com quem a embaixada se encontrou e conviveu. A semente estava lançada, a letra impressa ia dando os

seus frutos e, por isso, não causa espanto que o Preste tenha pedido a D. Manuel (que já não pôde ler a sua carta) e a D. João III que, entre diversos artífices, lhe enviassem «mestres pera a forma de livros», pois via no livro impresso a grande via de promoção do reino. A não esquecer também a acção dos missionários jesuítas nos séculos XVI e XVII, que põem a letra de forma ao serviço da evangelização, por meio da qual se tornam mais duradouros os ensinamentos que contribuem para um revigorar da fé, que será mais facilmente atingida se aos homens for também ministrado, através do livro, o ensino da sua própria língua. A esta obra se devotaram empenhadamente os membros da Companhia de Jesus²⁰.

Deste magnífico presente, que o Venturoso tão empenhadamente mandou reunir, o que chegou ao Preste? Bem pouco, como se sabe. Saído de Portugal a 7 de Abril de 1515 na armada de Lopo Soares, sucessor de Afonso de Albuquerque na Índia, chega a Goa em Setembro do mesmo ano, levando Duarte Galvão como embaixador. Só passados quase dois anos, Lopo Soares simula pôr a embaixada e Mateus em terras do Preste, o que se não vem a concretizar. Duarte Galvão morre na ilha do Camarão, onde foi sepultado por Francisco Álvares, que mais tarde vem a recolher os seus ossos, que entregou ao filho, António Galvão, para que tivessem uma sepultura condigna.

Em 1520, governando a Índia Diogo Lopes de Sequeira, prepara ele nova embaixada para o Preste, integrada por D. Rodrigo Lima, embaixador, pelo P^e Francisco Álvares, por Manuel Mares, organista, pelo pintor Lázaro de Andrade e por outros. O governador manda ao Preste um presente pessoal: uma *rica espada*, um *rico punhal*, umas *ricas coiraças*, um *capacete*, *quatro câmaras*, *órgãos*, dois *berços* de pelouros, dois barris de pólvora, um mapamundi²¹ e ainda uma carta de marear²². Mateus faleceu antes de chegar à presença do Preste, mas, segundo D. Rodrigo, levava-lhe vestidos, armas, roupa, paramentos de cama e de missa, o que tudo junto representava uma ínfima parcela do presente enviado por D. Manuel. Bem humilhados se haviam de sentir o embaixador e outros membros desta missão de 1520 ao chegarem ao Imperador, dando-lhe conta que o presente que o Venturoso lhe mandara «se corrompera e danarão muytas cousas e outras se perderão na nao»²³. E é em tom mago-

²⁰ Brásio, *op. cit.*, pp. 40-42.

²¹ F. Álvares, *Verdadeira informação...*, pp. 17-18. Os nossos itálicos pretendem mostrar que estes objectos não são mais que restos do grande presente manuelino, pois os encontramos referidos no «conhecimento» de Lourenço de Cosmo.

²² *Lendas...*, II, p. 587.

²³ *Op. cit.*, p. 587.

ado que Francisco Álvares, membro da embaixada, escreve: «E logo ordenaram o presente que haviam de mandar ao Preste e não tal como El-Rei nosso Senhor lho mandava por Duarte Galvão, porque já este era desbaratado em Cochim por Lopo Soares, e o que lhe agora levámos era assaz pobre e levámos por escusa que as peças se perderam na nau Santo António que se perdeu junto de Ara entre as portas do estreito»²⁴. Lopo Soares levou de Portugal indicações bem precisas para que «fosse ao estreito com grossa armada pôr o embaixador nas terras do Preste, com seu escriuão e vinte homens de seruiço, muy sabidos em totalas artes das armas, e musiqos de tangeres e falas, e todolos officios mecaniqos»²⁵. E Gaspar Correia, indignado e revoltado com o proceder do Governador chegado à Índia por influência do Barão de Alvito, D. Diogo Lobo, e de amigos, escreve, acusando veementemente: «Tudo ysto se perdeo por mingoa de Lopo Soares, que nada ouve efeito, como em seu lugar direy; e Lopo Soares o nom pagou»²⁶. Usara o régio presente em proveito próprio e para seu engrandecimento? Se assim o fez, cumpriu-se o que o Barão lhe dissera, quando D. Manuel, pressionado pela rainha D. Maria, lhe dava 20.000 cruzados para que desistisse do cargo: «que nom trocasse a honra por dinheiro; que a Índia lhe daria quanto quigesse»²⁷. Talvez tivesse dado, mas por pouco tempo ... No entanto, o tempo suficiente que desde bem cedo, ou seja, desde a sua chegada à Índia, permitiu logo marcar a distância que o separava de seu antecessor, Afonso de Albuquerque, cuja obra e memória se empenhou em destruir. Cumpriam-se nele aquelas palavras que Albuquerque escrevia de Cananor a D. Manuel, em 24 de Dezembro de 1513: «e avisay-vos, Senhor, dos homens da Ymdia, que têm as comciencias danadas e amdam a toda roupa, e avês d' achar em muyto poucos verdade»²⁸.

VOCABULÁRIO

Dado o interesse que o léxico do manuscrito oferece, registamos agora um vocabulário, desprovido de qualquer análise linguística, e que se

²⁴ *Verdadeira...*, p. 17.

²⁵ *Lendas...*, II, p. 465.

²⁶ *Op cit.*, p. 465.

²⁷ *Op cit.*, p. 463.

²⁸ *Cartas de Afonso de Albuquerque seguidas de documentos que as elucidam*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1884, I, p. 247.

limita, apenas, a fornecer o sentido de lexemas de uso menos corrente, na forma por que surgem na nossa transcrição:

aceiro: aço.

açequalados (açacalados): polidos, lustrados.

alamares: galões de lã, seda ou fio metálico, torcido ou trançado, que serve para guarnição.

alinada: anilada (?)

alionado (aleonado): fulvo, da cor do leão.

almategas (almátegas): dalmáticas, vestes próprias dos diáconos e subdiáconos, que se usam sobre a alva e diferem da casula por terem mangas curtas e por a cauda ou fralda ser quadrada.

almofreixes: grandes malas antigas, espécie de baú.

alparauazes (alparavazes): ornatos pendentes em redor de alguma coisa, camas, estrados, vestuário; franja, aba, sanefa.

aluaras (pl. de alvará): carta que contém a expressão da vontade do soberano, a qual começa pelas palavras *Eu El-Rei*; não leva selo e vigora apenas por um ano, salvo quando se revoga a lei, em que isto se determina, sendo então necessária a revogação expressa da lei em contrário, para que tenha efeito.

aluas (alvas): vestes brancas, que usam os sacerdotes por sobre a roupa normal e por baixo dos paramentos apropriados ao serviço divino.

amãtilhos: ?

amtretalhada (entretalhada): golpeada em feitiços diversos, aparecendo nos claros tela ou pano de cor diferente; às vezes eram simples golpes, como se vê em pinturas antigas.

anilada: de cor azulada, talvez com esmalte ou porque o metal foi azulado ao fogo.

apedrado: salpicado ou recamado de pedrarias, jóias, ou de várias cores.

aquayrelado (acairelado): bordado, ornado de cairel, ou seja, de galão estreito.

ara (pedras de ...): pedra benta sobre a qual se colocava no altar o cálice e a hóstia consagrada.

arções: parte saliente da sela, tanto posterior como anterior, que segura o cavaleiro.

arnes (arnês): armadura que, neste caso, cobre todo o corpo.

arratel (arrátel): peso que tem 16 onças ou 4 quartas.

aroba: peso de 32 arrátéis, ou seja, a quarta parte do quintal.

atabio (atavio): neste ponto, todos os acessórios necessários para a instalação dos sinos.

avelutado (veludo ...): com pêlo, por oposição ao veludo raso.

azul vis: azul escuro? forte?

babeira: peça da armadura, que protegia a boca, a barba e os queixos, fazendo parte do elmo.

bamcaes (bancais): panos de cobrir mesas e bancos; bamcaes d' aruoreda, de uerdura (verdura): b. de ramagens.

barbilho: cordão.

barboto: o mesmo que babeira.

barões: placa?

barote: ?

barrões: traves dos sinos.

barrotes: ?

bautisteiro: parece poder entender-se por pia baptismal.

biqueiras: deve ser o bico das fivelas.

bisagras; dobradiças, gonços.

bocaes (bocais): forro com que se forra a extremidade das mangas.

bocasỹ (bocasim, bocassi, bocassim): tecido de algodão, de qualidade semelhante ao fustão, com que se forravam tapeçarias, divisórias, cortinados; tarlatana.

bocetes: peças de adorno de forma convexa, da feição de tacha, chapa ou cabeça de prego convexa.

borcado (brocado): tela de seda, entretecida de ouro ou de prata, e que pode ser de diversas qualidades: de pêlo, raso, minhoto.

borlado: bordado.

borlamento: bordado; adorno de embutidos em metal.

breada: revestida de breu ou de alcatrão, para que a água não penetre dentro da arca, durante a viagem.

bretanha: tecido de linho fino, cujo nome provém da província francesa do mesmo nome, onde se iniciou o seu fabrico. Depois, deu-se também este nome a tecidos de igual qualidade, fabricados, por ex., na Suíça e na Irlanda.

brocha: fecho de metal, que se prega nas pastas dos livros para os ter fechados.

bryda (brida): freio de cavalo com rédeas largas, de que não usam os que andam à gínetica, que se servem de estribos curtos, de arções muito altos e de freio apropriado.

cabeçã (cabeção): a parte larga que, no vestuário, fica pendente ao redor do pescoço; peitilho.

cabeçada: correias que cingem a cabeça, testa e focinho do cavalo e lhe seguram o freio e as rédeas.

cadarço: seda ou tecido de cordão de seda.

cadeiras d' estado: c. de espaldar.

calez: o mesmo que cálix ou cálice.

calezes (pl. de calez).

canhamaço: estopa de cânhamo ou estopa grossa de linho.

canos: bicas, jactos de água; tubos do órgão.

capa: talvez capa de asperges.

capelo: parte da capa que cobre a cabeça.

carreguo: encargo.

cartapisa (ocorre também quartapisa e quartapisa): barras que ornem vestuário ou colchas, mas de tecido de cor diferente.

castiças de prata, de *pomtes*: ?

cati: o mesmo que cetim.

caxões (caixões): caixotes grandes.

çeitro: ceptro.

ceruilheira (cervilheira): arma defensiva da cabeça e cerviz ou pescoço, como o capacete.

chapy (chapia?): chaparia de ouro, de prata, ornatos em roupas ou jaezes, feita de chapas de metal.

charneiras: uma das partes de que se compõe a fivela. Bluteau diz que, na fivela, charneira é a parte que tem por cima a rosinha, ou cabecinha, a que chamam botão, afirmação que não está clara; *Memorial das proezas da segunda Távola Redonda* refere: «e na cinta por charneyra huma aguiã grande...», cujo sentido parece ser o de fivela. Para outros, charneira designa a extremidade dobrada das cilhas e de outras correias, onde se cose a fivela.

ciladas (celadas): armadura férrea para a cabeça.

- citara: caparazão de sela, i. é., pano que se põe à roda das selas, espécie de teliz, ou seja, pano que cobre as montadas, enquanto o cavaleiro está apeado, e que, de ordinário, tinha bordadas as armas e as insígnias dos mesmos.
- cizel: cinzel.
- cõteira (comteira; o mesmo que conteira): peça de metal com que se reforça a ponta da bainha das espadas.
- cõtos (comtos; o mesmo que contos): a parte inferior da lança.
- comprimẽtos (comprimentos): tudo o que é necessário.
- confeitura: o mesmo que confeiteira? Recipiente para doces e confeitos.
- conreira: vd. cõteira.
- coregimẽtos (corregimento): adornos.
- corporações (corporais): pano consagrado que, na missa, se desdobra sobre o altar, para nele colocar o cálice e a hóstia.
- corrediças: cortina que se corre.
- cortina: pano que se corre ou pano que funciona como pano de fundo.
- cosoletes (cossoletes): couraça leve.
- costas (costa): a parte grossa e romba oposta ao gume da lança.
- couodo (cõvado): medida linear, que tem três palmos de vara de craveira; corresponde a 0,66 centímetros.
- cruz de duas traussas (... travessas): cruz de dois braços.
- cruzados: moeda antiga, lavrada quando D. Afonso V tomou a cruz ou a empresa da cruzada. De um lado, tem a cruz de S. Jorge, do outro, o escudo real coroadado, metido na cruz de Avis.
- cobertas (cobertas): armas dos cavalos acobertados; pano que se põe sobre a sela; cobertas d'aceiro: rede de malha.
- custume (costume): uso; c. dos domínicos: uso dos dominicanos.
- damasco: tecido lavrado, de seda, de linho, de algodão, de lã, com uma parte da superfície acetinada e a outra áspera.
- diaboa (diabõa): mulher muito ressabida para o mal e viva.
- dorsel (dossel): armação de madeira, forrada de damasco, de seda ou de outro tecido, rodeada de sanefa, formando como que um tecto, e que se coloca sobre os altares, sobre as cadeiras de bispos e de reis, sobre as camas, servindo de ornamento. No caso vertente, servia de céu à cama.
- ẽvorilhado (envorilhado): embrulhado, envolvido.
- ẽxadrez: xadrez.
- ẽxarrafos (ẽxarrafas; o mesmo que enxarrafas): dobras; ornato, como se depreende dos seguintes passos: «o Capitão-mor mandou embarcar o page d' El-Rei a que deo hum barrete de grã, e em cima huma enxarafa de retroz azul com fio d'ouro, que por sua mão lhe poz na cabeça»; «cinquenta barretes de grã com botões e enxarrafas de retroz cremesym com fio d' ouro postos em cima dos barretes». (G. Correia, *Lendas*: 1,51 e 85). No texto, encontramos enxarrafas em íntima relação com espadas: «outra espada de cortar com cabos e maçã dourada e bainhas de veludo pardo e ẽxarrafos d' ouro de Frorẽça»; «cem espadas novas ẽvernizadas cõ suas ẽxarrafas de barbilho».
- elmete: diminutivo de elmo.
- emparamentos: ornatos, enfeites.
- entretalhada, vd. amtretalhada.

escarlata: pano de lã, de seda ou de qualquer outra qualidade, carmesim vivo, mas não tão vivo como a grã.

escolheitos: escolhidos.

escudete: diminutivo de escudo; escudo pequeno, de ferro ou de qualquer outro metal, onde estão gravadas as armas de algumas famílias e que servem de ornato.

espada d'armas: ?

espada de cortar: ?

espêdás (espendas): parte da sela sobre que assenta a coxa.

esperas: esferas; entenda-se esferas armilares.

estrybeyro-mor (estribeiro-mor): o que tem a seu cargo os cavalos, cavaliças e coches. Nas casas reais, havia o estribeiro-mor e o menor.

ezcotaduras (escotaduras): abertura de uma cota de malha ou de armas, por baixo dos braços.

faldra (ocorre ainda fralda): f. de malha: usada na armadura do corpo, cobrindo-o da cinta até aos joelhos.

farpão: aumentativo de farpa. Espécie de dardo ou grande seta, com haste grossa e ferro barbado ou farpado.

fieira: chapa de ferro com vários furos de diferente grandeza, por onde o tirador do ouro tira o fio, conforme a grossura que quer.

forado: (forrado), vd. foros.

foros (forros): panos com que se protege qualquer peça de vestuário ou outro artefacto.

franga: franja.

frocadura: ornato ou remate de frocos ou cadilhos.

frontal (frontal): pano ou peça de armar, para a parte dianteira dos altares.

frouxel: pêlo fino e delicado, mais fino ainda que as penas das aves.

fruteiros: quadro ou lenço pintado de diversos frutos.

funda (também fundos): estojo ou pano para proteger objectos, v. g., fundas que cobrem os ferros das lanças; funda do escudo, etc.

fustam (fustão): pano de linho ou de algodão, tecido de cordão mais ou menos fino.

gibã (gibão): veste interior que cobria o corpo até à cintura e se usava por baixo do pelote.

godomecil (guadamecim): espécie de tapeçaria antiga, de couros pintados e dourados.

gomcos (gonços): dobradiças.

gornimētos (também sob a forma guarnimētos, ou seja, guarnimentos): guarnições.

grã (ainda ocorre grãa): insecto hemíptero, de um vermelho muito vivo, que se desenvolve nas excrescências roxas da casca de uma variedade de carrasco ou de azinheira; usa-se para tingir os tecidos na cor chamada grã; pano tinto de grã.

grada: forma abreviada de Granada.

guardaportas: pano ou cortina, que se põe diante de portas, para proteger das condições climáticas, para permitir maior privacidade ou por decoração.

ilhargas: lados.

impremidor: impressor.

lambel: banda, tira, faixa; tecido listrado com que se cobriam os assentos de bancos e de cadeiras.

lauatorio (lavatório): chafariz, bica, fonte.

laurado de romano (lavrado de ...): adornado à feição romana. Em arquitectura, romano significa folhagem num friso. Por analogia, talvez se possa entender *lavrado com folhagem*.

- lêço (lemço, o mesmo que lenço): toda a tela de linho ou de algodão.
- letra de mão: manuscrito.
- liuras (libras): peso de 12 onças. Nas *Ordenações Afonsinas*, refere-se a libra de 14 onças.
- liuro das oras (livro das horas): livro de rezar, que contém um calendário e diversos ofícios (da missa, das horas canónicas, do casamento, dos defuntos, de Nossa Senhora, dos santos protectores do possuidor); livro de horas de Nossa Senhora: contém o ofício da Virgem.
- looros (ocorre ainda loros, como hoje em dia): correia dobrada que sustém o estribo e o prende à sela.
- maçãa (maçã): maçã da espada: a cabeça, onde se embebe e prende (rebatido ou em porca de feição) o espigão da folha.
- marchetada: embutida de labores vários: madrepérola, marfim, madeira, ouro, mármore, pedraria.
- marquos (também marcos, como no uso actual): medida de peso, destinada aos metais preciosos, equivalente a 8 onças ou meio arrátel ou 64 oitavas.
- meirinha: lã ...: lã muito fina, proveniente das ovelhas meirinhas, que mudam de pasto segundo as estações: no Inverno, andam nos pastos dos montes; no Verão, nos baixos.
- minho: minhoto.
- musica: execução de uma peça musical.
- obradeiras: ferros para fazer hóstias.
- ogeteadas: com ilhós ?
- olamda (holanda): tecido fino e precioso fabricado na Holanda.
- olao: olão, relacionado com o tecido chamado Holanda?
- onça: no sistema antigo das medidas era igual à 16.^a parte do arrátel, correspondendo no sistema métrico decimal a 28,6875 g. É também a oitava parte do marco.
- ouro: o. fiado — o. tirado pela fieira. Bluteau, apoiado em Plínio, diz que o ouro se fia e tece como a lã. Vd. fieira.
- pages: pajens.
- panacho: penacho.
- paramentos (paramentos): ornamentos.
- paulas: peças de duas folhas de cartão, quadradas e forradas de tela, entre as quais se guardam os corporais.
- peitoral: correia presa na dianteira da sela e que rodeia o peito do cavalo, para que a sela não deslize para as ancas.
- perfilados: guarnecidos de retrós pelas bordas.
- perfumador: vaso onde se queimam aromas e perfumes, ou se cozem, para exalar bons cheiros.
- piques: armas ofensivas, a modo de lanças, com um ferro pequeno e agudo.
- porcas: peças em que se introduz a extremidade do parafuso para o segurar.
- prastrão: parte dianteira da couraça, que cobre o peito.
- quaixa (caixa, com o sentido actual).
- quartas: porção de um todo que se divide em quatro partes.
- quintaes (quintais): o quintal corresponde a 4 arrobas.
- quortinas (cortinas, com o sentido actual).
- Ras: Arras.
- recheos: forros.
- regaços: tiras de seda ou de outro pano, que se cosiam atrás e adiante nas alvas sacerdotais.
- (Com este sentido, só se usa no pl.)

regysto (registro ou registo): espécie de botão com fitinhas ou cordões delgados, pendentes e metidos entre as folhas dos livros, para servirem de marca.

remdilhas (rendilhas): renda estreita, fina e delicada; espiguiha.

reste: (o mesmo que riste): peça da armadura, onde o cavaleiro encosta o couro da lança para encontrar o adversário.

retranca: correia que rodeia a alcatra das bestas, prendendo-se os dois extremos na sela, na parte posterior.

savastros (sabasto, savasto, sabastro): tira de pano ou enfeite de cor diferente, no vestuário ou nos paramentos, por vezes rico, pedrado a ouro, com imagens e prata.

senhos: mulheres nuas cõ colares: cada uma com o seu colar.

sesmas: a 6.^a parte de alguma coisa.

tãchado (tanchado): cravado, enterrado.

tachões: pregos de cabeça dourada, que se usam para ornar arreios ou capas de grandes livros.

tanjedores (tangedores): tocadores, aqueles que tocam qualquer instrumento.

tauoas (tábuas): quadros de pintura.

testeira: a parte da cabeçada, que cinge a testa do animal.

tonees machos: tonéis de uma tonelada cada.

tresmesa: mesa de três pés?

tribolo: turíbulo.

troças (torçais): cordão feito de fios de retrós; cordão de seda com fios de ouro.

vara: medida antiga, usada especialmente na medição de panos. No sistema decimal, corresponde a onze decímetros ou um metro e dez centímetros.

verdugos: dobras, como vergões, em relevo, feitas na roupa, no fato, etc., por ornato.

vestimenta: veste, vestidura, paramentos solenes sacerdotais.